



NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL
DA AMAZÔNIA - PNCSA

1

Arte na Cuia: Experiência Tradicional de Saber Fazer

***Associação das Artesãs Ribeirinhas de
Santarém (ASARISAN)***



Foto: Alexandre Nazareth da Rocha

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA)

SÉRIE Cultura e Resistência no Oeste do Pará

Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém.

Data de Fundação: 4 de maio de 2003. Endereço:

Comunidade Centro do Aritapera, s/n.

Presidente: Lélia Almeida Maduro

Vice Presidente: Eliana Correa Lisboa

Secretária: Marta Maria do Rego Maduro

Tesoureira: Izanildes Correa Lisboa

Conselho Fiscal: Rosimary Lopes Menezes e Cecília Correa

Gerente de Produção: Genilda Lopes da Silva

Gerente de Eventos: Elizabeth Pereira Lopes

Outras Associadas: Ana Eliete de Almeida Rego, Angeli

Pinto Azevedo, Avanilda da Conceição Pereira, Lenil Silva

Maia, Maria da Conceição Caldeira Rego, Maria do Desterro

da Silva, Maria Durvalina Dias da Silva, Maria Gracineide

da Silva, Maria Isaurita da Silva, Maria Jucelina Silva Correa,

Maria Pereira Lopes, Marinalva Nélia Correa de Sousa,

Raimunda Santana Azevedo, Silvane Almeida Maduro

Coordenação geral do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida (CNPq-PNCSA-CESTU/UEA)

Coordenação Núcleo PNCSA - Baixo Amazonas Paraense

Judith Costa Vieira (ICS/UFOPA)

Programa de Extensão Patrimônio Cultural na Amazônia (PROEXT 2011/SESu/MEC) - UFOPA

Coordenadora: Luciana Gonçalves de Carvalho (ICS/UFOPA). Vice-Coordenador: Bruno Alberto Paracampo Mileo (ICS/UFOPA)

Equipe de pesquisa e organização do conteúdo: Judith Costa Vieira, Bruno Alberto Paracampo Mileo, Igor Montiel, Jefferson Costa Vieira

Fotografias: Alexandre Nazareth da Rocha, Bruno Alberto Paracampo Mileo, Carlos Matos Bandeira Jr., Keiliane Bandeira

Cartografia e mapas: Marcos Vinícius da Costa Lima, Jefferson Costa Vieira. Colaboração (mapa) - Maria Betanha Cardoso Barbosa, Rafael Monteiro.

Projeto gráfico e editoração: Sabrina Araújo de Almeida

Ficha Catalográfica

N935 Nova Cartografia Social da Amazônia : arte na cuia : experiência tradicional de saber fazer / coordenação geral, Alfredo Wagner Berno de Almeida ; equipe de pesquisa e organização do conteúdo, Judith Costa Vieira ... [et al.]. – Manaus : UEA Edições, 2013.
12 p. : il. color. ; 25 cm. – (Cultura e resistência no Oeste do Pará ; 1)

ISBN 978-85-7883-267-4

1. Artesanato em cuia – Santarém (PA).
2. Artesãos – Santarém (PA).
3. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Vieira, Judith Costa. III. Série.

CDU 528.9:745.5(811.5)

Contatos da Associação:

ASSOCIAÇÃO DE ARTESÃS RIBEIRINHAS DE SANTARÉM

SEDE NA COMUNIDADE CENTRO DO ARITAPERA, SANTARÉM - PA

telefones: (93) 9132-0214, 9126-4897

artesanatoribeirinho@yahoo.com.br

<http://airacuias.blogspot.com.br/>

Ser artesã é...

*“... Pra mim é aquela pessoa que tem uma **criatividade**, aquela vontade de produzir, ter aquela responsabilidade não só por causa do dinheiro, mas pra mostrar aquilo que ela tem, aquela habilidade, aquele conhecimento na mente e na vida dela.”* (Avanilda Pereira, Carapanatuba)

*“... **É desenvolver a capacidade que a gente tem de criar**. Sempre eu digo assim: ter a idéia e não colocar em prática, quem é que vai saber que a pessoa tem aquela vocação, pra poder desenvolver o seu talento?”* (Lélia Maduro, Carapanatuba)

*“... **É bom!** Eu me sinto muito bem, muito feliz de tá com esse trabalho.”* (Marta Maduro, Centro do Aritapera)

*“... **Ah!** É tudo meu.”* (Maria Durvalina da Silva, Cabeça d'Onça)



Lélia Maduro confeccionando as cuias em sua casa. Foto: Carlos Matos Bandeira Júnior

Tradição e costume

“Desde menina, quando minha avó era trabalhadeira de cuia. Quando eu era menina eu era curiosa, ficava só olhando pra aprender, olhando ela e minha irmã, mas ela não era trabalhadeira de cuia. Aí depois eu fui crescendo e tive aquela vontade, porque minha vó e minha tia trabalhavam. Depois de ficar maior eu

continuei fazendo o processo em casa.” (Avanilda Pereira, Carapanatuba)

“Olha... eu trabalho com cuia desde que eu me entendo por gente, ajudava minha mãe. Desd’aí eu fui aprendendo a fazer as coisas. Foi com a minha mãe. E sempre trabalhei

com vontade e gosto de fazer. Principalmente fazer os desenhos assim, gosto muito, gosto muito de fazer isso.” (Lenil Maia, Enseada do Aritapera)

“As primeiras cuias que eu fiz, eu peguei com uma senhora lá, por nome Ingracia. Ela já até faleceu essa senhora. Eu via ela trabalhar e também me animei, ela começou a me ensinar, eu partia a cuia, tirava o bucho, raspava tudinho. Aí eu sempre fazia um serviço meio feio, porque eu tava começando. E ela dizia: “olha é assim, é assim...” E aí eu fui aprendendo. Graças a Deus e a ela, a presença dela, ajudou, aí eu aprendi com ela.” (Maria Durvalina da Silva, Cabeça d’Onça)

“Era minha vó, mãe da minha mãe, trabalhava muito, inclusive fazia umas pintas muito bonitas. Aí depois a minha mãe, e depois mais eu fiquei porque as minhas irmãs se dedicaram a ir pra cidade. Mas eu continuei sempre trabalhando com ela. Desde eu acho que da idade de 10 anos. Comecei com a minha avó, minha mãe. Com as dificuldades de criar, da minha mãe criar os filhos, meu pai nunca foi assalariado. Ele trabalhava sempre com juta, com roça, milho, ele trabalhava sempre com essas coisas mas não era suficiente pra sobrevivência. Então a gente trabalhava com cuia pra ajudar na parte da alimentação, de angariar um dinheirinho. Então eu desde pequena mesmo trabalho com cuia.” (Marta Maduro, Centro do Aritapera)

Modo de fazer

“O nosso artesanato de cuia é utilitário, é ornamental, tem também nas danças, o pessoal usa muito a cuia. Então, assim, é um produto natural, vem da cuieira, não tem nada industrial, é tudo manual, ninguém usa máquina pra nada, nossas máquinas são nossos dedos, nossos estiletes e tudo, é cultural porque a gente cria, a gente não copiou de outro né. É da memória, então se a gente tem memória a gente tem história.” (Lélia Maduro, Carapanatuba)

“A gente se junta também porque tem pessoas no núcleo também que não sabem traçar desenho. E por isso eu digo assim: a gente nunca começa e termina uma peça sozinha, não tem como.” (Lélia Maduro, Carapanatuba)

O que mudou foi principalmente a minha vivência assim. Entre a amizade das pessoas no grupo, porque quando eu trabalhava sozi-



Artesãs Ana Maria, Marinalva de Sousa e Lélia Maduro produzindo as cuias coletivamente. Foto: Carlos Matos Bandeira Júnior

nha, não tinha aquele diálogo e aquele compromisso maior. Hoje em dia quando chega um pedido a gente tem que dar conta mesmo, tem que fazer um esforço pra cumprir com aquela responsabilidade que a gente tem. Porque quando a gente se associou a gente teve aque-

la responsabilidade de cumprir com pedido, compromisso, essas coisas. A coisa mudou assim porque é mais responsabilidade ainda. Porque quando eu tava no meu trabalho, eu tinha

responsabilidade porque dependia daquele dinheiro. E hoje não é só por causa do dinheiro, é também mais responsabilidade e confiança. (Avanilda Pereira, Carapanatuba)

Lugar

“Eu acho muito bom porque a gente fica assim, vive mais tranquilo, pode plantar, criar, produzir alguma coisa. E pra mim, a minha vida é o sítio, é o meu local mesmo, onde nasci e estou até agora.” (Lélia Maduro, Carapanatuba)

“Olha, eu nasci na Cabeça d’Onça, eu nasci lá, lá eu me criei com meus pais. E lá eu estou, lá eu casei, lá eu tive meus filhos e lá eu estou mesmo morando. Nunca saí daquele lugar para outro porque é minha comunidade, eu amo muito e lá eu aprendi os meus trabalhos, pro meu sustento e da minha família.” (Maria Durvalina, Cabeça d’Onça)

“Pra mim é uma vida boa, porque a gente pode criar bem aqui. A gente faz plantio, trabalha nas cuias, pesca, pra mim é bom aqui. Melhor do que n’outras partes porque pelo menos a gente não compra o peixe aqui, a gente já vende. Pra poder a gente alimentar outras pessoas e nós também. Aí no caso a gente planta a roça pra gente e pra facilitar pra vender pros outros. É assim essa vida.” (Marinalva de Sousa, Carapanatuba)

“Tranquilidade, a gente vive uma vida graças a Deus, tranquila. Porque aqui não tem os problemas que tem lá na cidade, o medo de um ladrão, de uma outra coisa. A nossa vida aqui é em comum, com o vizinho. Lá na cidade eu observo que as coisas não são tanto assim, porquê a gente vai na cidade é difícil até de dar um bom dia quando a gente vê um vizinho, que geralmente é difícil ver quase. E aqui não, graças a Deus a gente tem essa vida liberta, a gente sai chamando: Ei, fulano, como é que vai? Como é

que passou? E lá na cidade é difícil como vocês sabem, a coisa é mais difícil, não é como essa vida que graças a Deus a gente tem aqui.”

 (Marta Maduro, Centro do Aritapera)

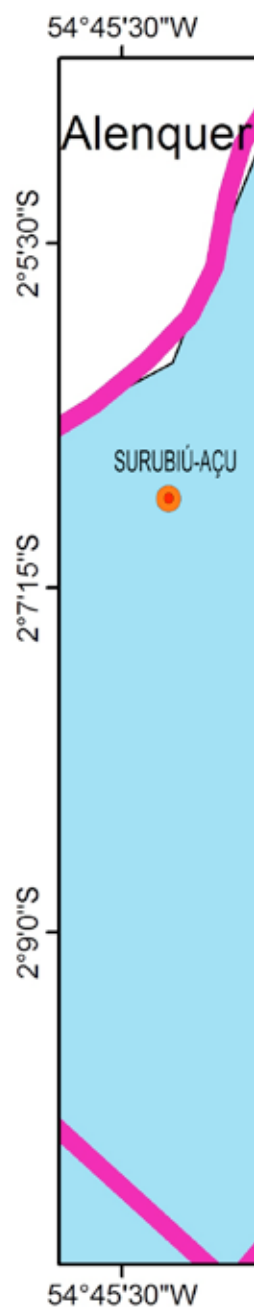
“Às vezes os locais ficam submersos, a gente anda de canoa ou de barco e quando é ve-

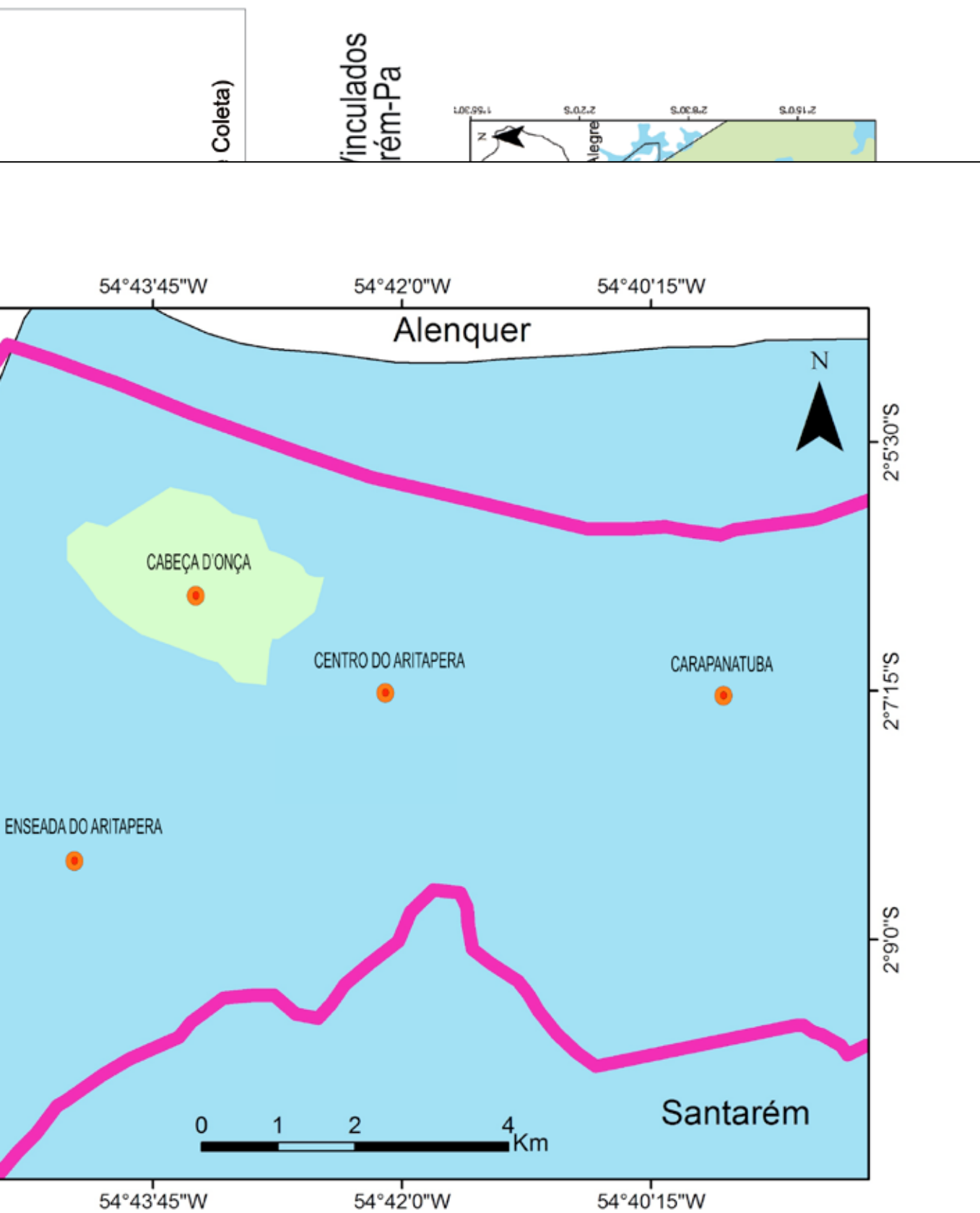


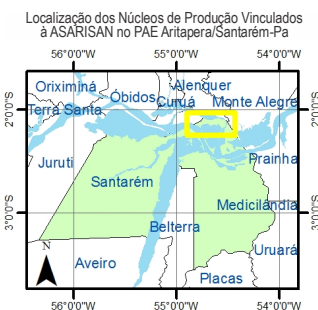
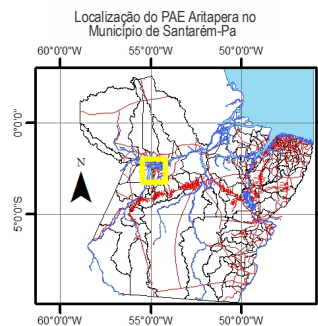
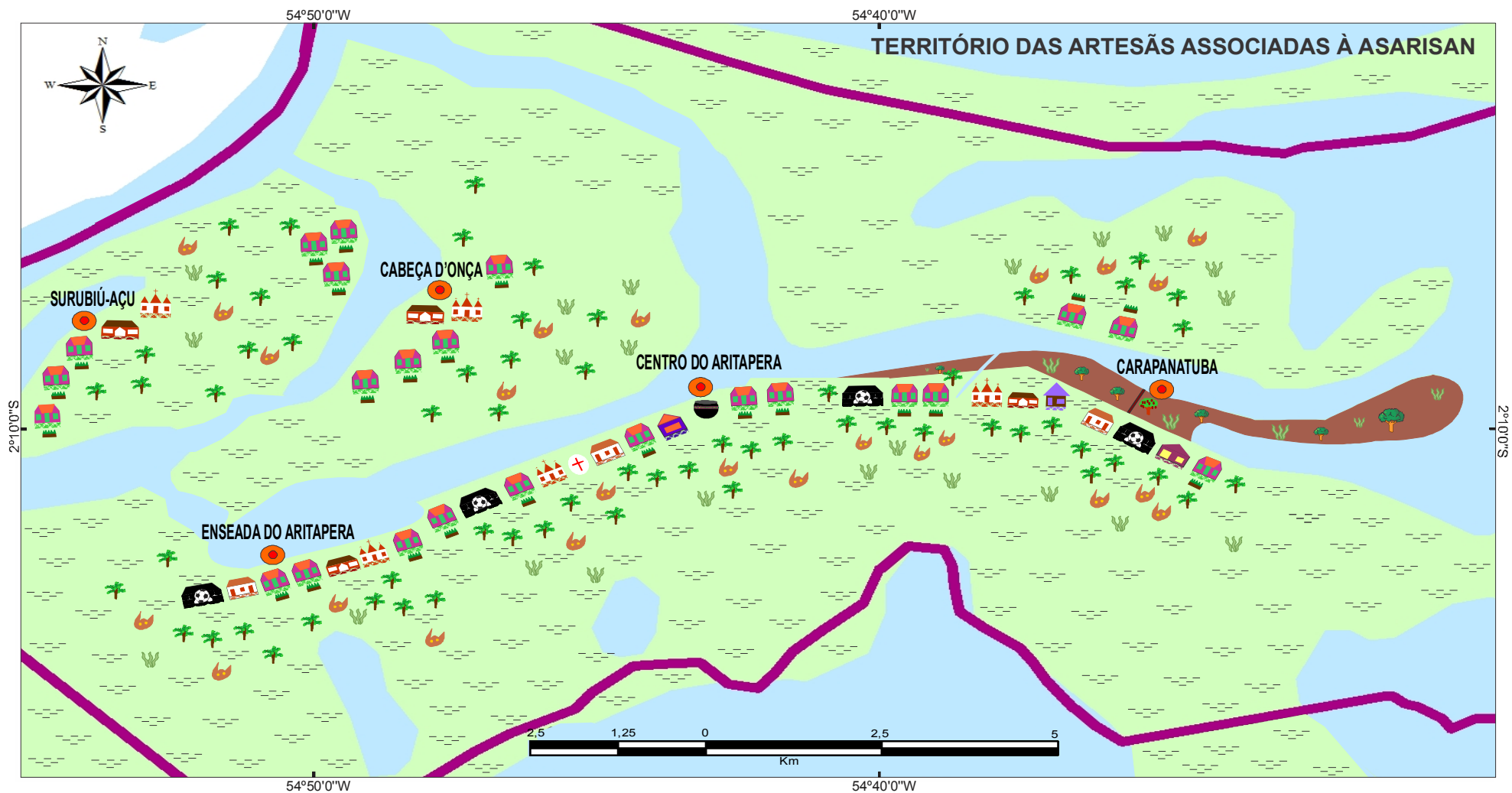
Impacto da enchente do rio Amazonas nas comunidades do Aritapera. Fotos: 1. Bruno Mileo 2. Keiliane Bandeira.

No assentamento agroextrativista Aritapera existem 14 comunidades, que além do artesanato, possuem a pesca e a agricultura como principais fontes de renda. Apesar do artesanato de cuias ser praticado em muitas comunidades ribeirinhas de Santarém, apenas cinco comunidades (todas do Aritapera) possuem núcleos de produção da ASARISAN (Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém). São elas: Cabeça d'Onça, Carapanatuba, Centro do Aritapera, Enseada do Aritapera e Surubim-Açu. Devido ao regime de cheia e vazante do Rio Amazonas, durante alguns meses do ano (geralmente de setembro à março) o solo de muitas dessas comunidades fica submerso, por isso os moradores sobem o assoalho de suas casas e constroem "marombas" para o abrigo dos animais. Essa dinâmica das águas influencia diretamente a vida das famílias das artesãs e a própria produção artesanal, pois o regime do rio determina a oferta de recursos para o artesanato e também o tempo dedicado pelas artesãs ao seu saber fazer artístico, pois no inverno elas produzem mais cuias já que no verão precisam realizar outras produtivas. Ao lado, temos o mapa dos núcleos da ASARISAN durante a cheia, que ilustra apenas a comunidade de Cabeça d'Onça com trechos não alagados (embora nos últimos anos essa comunidade tenha notado um avanço no nível da água durante a cheia do rio).

Localização dos Núcleos de Produção vinculados à ASARISAN no PAE Aritapera/Santarém-PA durante a cheia do Rio Amazonas







LEGENDA

Sede da ASARISAN (Ponto de Cultura)

Casa de Artesã Associada

Escola

Igreja

Posto de Saúde

Barracão Comunitário

Cozinha Comunitária

Barraquinha

Fornecedor de Matéria Prima

Clube de Futebol

Capim

Horta

Catauarizeiro

Mungubeira

Gado

Cuieira (Locais de Coleta)

Convenções Cartográficas

Santarém

Área Sujeita a inundação

Divisão Municipal

Hidrografia

Restinga

PAE Aritaperá

Rodovias

Comunidades/Núcleos de Produção

Instituto Nova Cartografia Social da Amazônia
Território das Artesãs Associadas à ASARISAN
Série: Cultura e Resistência no Baixo Amazonas
Baixo Amazonas - Santarém/Pará - PAE Aritaperá
Pesquisa 2011 -2012

Fontes Cartográficas
IBGE - 2012/INCRA 2010
Oficinas de Cartografia com artesãs da ASARISAN
Sistemas de Projeção Cartográfica - UTM SAD 69

Equipe de Pesquisa
Bruno Alberto Paracampo Mileo
Igor Matiel Martins Cunha
Judith Costa Vieira

Projeto Cartográfico
Jefferson Costa Vieira
Marcos Vinícius da Costa Lima
Colaboradores
Maria Betanha Cardoso Barbosa
Rafael Monteiro
2013

rão, a gente anda a pés, anda mais longe assim, até pra ir à margem do rio a gente tem que caminhar a pés também. Então é assim, na região ribeirinha a gente fica sempre dependente porque, se eu estou em casa, se está água e eu não tenho uma canoa, eu não posso sair. A gente de-

pende duma canoa, pra pegar o barco à margem do rio a gente depende d'uma canoa pra chegar lá a margem do rio, pra ir a Santarém. E pra ir às outras comunidades, como a gente tem um trabalho integrado com as outras comunidades, é sempre assim.” (Lélia Maduro, Carapanatuba)

Organizando o tempo

“As dificuldades que a gente tem é que a gente trabalha na comunidade, geralmente a gente já é entrosada em várias coisas. No trabalho com cataquese. Trabalho com coordenação de comunidade, de igreja, eu trabalho como lavradora, eu sou do sindicato rural, eu planto milho, feijão, então a dificuldade é que hoje eu tô trabalhando numa coisa, aí não dá “deu” ir pra outra. Mas o tempo a gente divide. Entendeu? Por exemplo, se hoje eu tô na comunidade, eu não vou trabalhar na cuia, vou fazer o trabalho da comunidade, aí no outro dia já vou pro meu trabalho de agricultura, aí no outro eu já vou pra cuia, a gente faz toda uma coisa, porque na verdade eu gosto de todos esses trabalhos. Pra mim é muito bom. Principalmente em trabalho de comunidade eu me sinto muito feliz. Trabalhar na comunidade, trabalhar em igreja.” (Marta Maduro, Centro do Aritapera)

“É a minha agricultura, assim, eu planto muito. Mas assim eu planto pro meu sustento.

Eu planto meu milho, planto meu feijão, uma macaxeira pra gente ter, no caso as outras coisas, nós só temos seis meses, nem chega a seis meses aqui de terra pra gente trabalhar. Aí o resto do tempo a gente tá em cima d'água. Ai no caso, não dá pra gente trabalhar na agricultura nessa época, e aí que a gente trabalha no artesanato pra ajudar, pra sobreviver.” (Marta Maduro, Centro do Aritapera)

“Tem e nem tem às vezes porque quando é de verão, enchente pra mim facilita mais assim, eu acho mais leve porque eu tenho menos trabalho de outros trabalhos. Agora, no verão é mais puxado porque tem outras atividades, né? E aí se torna mais difícil, mas mesmo assim, dá de levar tanto num tempo como num outro.” (Avanilda Pereira, Carapanatuba)

Barreiras

“E aí eu sentia muita dificuldade no começo pra poder vir em reunião, trabalhar com as minhas colegas, sair de casa pra trabalhar porque eu não era acostumada a sair. E porque quando começou esse trabalho lá, o pessoal na comunidade, eles não aceitavam. Nós que

aceitamos, mas foi com muita crítica, sabe? O pessoal dizia que era coisa de IBAMA, que não ia vigorar, que só ia dar rendimento pras pessoas, que não ia prestar, que ia acabar e não ia dar nada, era muita conversa que tinha lá mesmo. Nós mesmo que ficamos nesse trabalho, por-

que nós metemos a cara, mas a gente era muito xingada sobre os nossos trabalhos lá. E até agora o pessoal continua a xingar.” (Maria Izaurita da Silva, Cabeça d’Onça)

“Porque peixe, mesmo que o marido saia pra procurar, tem dia que eles não matam nem pra almoço. Olha, lá em casa a gente tem uma “vendazinha” de conserva, que a gente vende demais, porque chegam da pescaria e vão comprar conserva. Todos eles vem comprar pro almoço. Porque não tem peixe pra almoço, quanto mais pra vender. São essas as dificuldades que a gente encontra. Até mesmo cumatê, mas tá dando pra comprar, que o rapaz encomenda pros conhecidos. Ele trás, mas dizem que eles querem privar lá de tirar. Não sei o que vai ser, mais tarde ninguém sabe o que vai ser. Até aqui, vai se fazendo. Por causa desse negócio de IBAMA, essas coisas aí. Ficou proibido derrubar, sabe? E essa coisa assim a gente pensa, vamos ter que procurar outros meios pra poder tingir. Mas com o quê? Que a gente já experimentou tudo quanto é casca desses outros paus, mas não presta. A não ser a tinta só, que a tinta pinta ela. É a única coisa.” (Lenil Maia, Enseada)

“Nós temos a dificuldade porque, lá onde a gente trabalha é no quintal, e a gente não tem uma casa mais adequada pra trabalhar. A gente trabalha no quintal dela. E quando chove não tem assim como trabalhar.” (Maria Izaurita da Silva, Cabeça d’Onça)

“Quando é uma demanda grande a gente tem mais dificuldade porque a gente depen-

de do sol, se tá chovendo muito a gente pode produzir até o alisamento, na secagem já se torna difícil. No momento do tingimento se tiver chovendo aí se torna difícil pra terminar o processo. Numa parte no ar livre a gente pode fazer o tingimento, mas se tiver escuro, chovendo, não adianta porque não presta o trabalho.” (Lélia Maduro, Carapanatuba)

“Olha, eu acho que a dificuldade que a gente sempre encontra é ter uma casa, ter um lugar pra trabalhar. Tem uma varanda que a gente usa pra fazer. Então a gente põe tudo pra lá e fica cheio de cuia, tudo na varanda, e as pessoas que vão pra lá acabam pisando nas cuias, a maior dificuldade é isso.” (Lenil Maia, Enseada)

“O perigo que a gente leva é a faca. Tem que ter muito cuidado pra não acontecer um acidente pior. Eu tenho vários cortes, vários sinais de faca na perna. Porque a gente endireita as cuias em cima da perna. Eu até tenho um sinal muito profundo de faca.” (Maria Durvalina, Cabeça d’Onça)

“E também a gente tava fazendo uma avaliação de que vai faltar pra gente a escama que a gente alisa. Porque é uma coisa difícil, que a gente tira do peixe, o pirarucu, e já não tem quase, tá ficando difícil. Aí daqui a alguns tempos a gente já não sabe o que vai ser. Deus é que sabe o que vai fazer por nós. Aumentar os peixes pra gente matar, tirar o couro pra poder alisar. É porque nós mesmos não sabemos preservar. É assim, quanto mais tem, mais querem matar. É por isso que tá ficando difícil.” (Marinalva de Sousa, Carapanatuba)

A ASARISAN (Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém)

“Eu tenho a associação como uma segurança. Não sei se você vai concordar, né? Porque se eu tô dentro da associação, eu quero tá em dia, pagando tudo pra ter meu direito, de falar, né? E de fazer alguma coisa. Então pra mim isso é importante. Eu tenho ela pra ter apoio, ter direito, fazer alguma coisa.” (Lenil Maia, Enseada)

“O nosso objetivo é melhorar sempre, nossa visão é de que melhore. Que a gente consiga não só coisas boas pra nós artesãs, mas pra comunidade, que nós somos cinco comunidades.” (Marta Maduro, Centro do Aritapera)

A Cartografia Social

“Até porque a gente espera melhoria né. Então vai ser feito, assim como tem aquelas cartilhas ali, vai ter a nossa. Vai pra outras pessoas, e elas vão ver, vão saber com que a gente começou, vão ver nosso trabalho. Então eu acho que dá mais um conhecimento pras pessoas sobre o nosso dia-a-dia, saber como é que a gente passa aqui no caso da várzea, que é diferente de outras comunidades de terra firme né. A idéia é de que tenha uma melhora...de que as coisas melhorem.” (Marta Maduro, Centro do Aritapera)

“Eu acho assim, até porque ele divulga, mostra onde a gente tá localizado. Porque às vezes eu digo assim: a gente tá num local escondido, ninguém sabe nem a localização onde a gente tá né. Influencia muito porque através dos fascículos a gente conhece o trabalho de outras comunidades, de outras artesãs, a atividade que cada uma promove, e só aque-



1. Decoração na entrada do Ponto de Cultura. Foto: Bruno Mileo; 2. Ponto de Cultura do Aritapera. Foto: Keilliane Bandeira.

la questão de ser coletivo eu acho que é muito importante, nada se apresenta individual, né, sempre é no coletivo, e quando se fala no coletivo sempre a gente sabe que é um bem comum, uma atividade que está ali fazendo uma inclusão. Ali não tem um especial, a atividade de cada um completa o outro né, e no fim das contas sai.” (Lélia Maduro, Carapanatuba)

Conquistas das associadas

“Olha, eu tive muita coisa boa, muito conhecimento, que no trabalho nunca fiz, nós fizemos



Avanilda Pereira, Lélia Maduro e Marinalva Sousa; Marta Maduro e Izanildes Lisboa; Raimunda Azevedo e Lenil Maia; Genilda da Silva e Maria Durvalina da Silva. Artesãs apresentam seus mapas. Fotos: Keiliane Bandeira

assim muitos encontros sabe? Muitas pessoas tentando descobrir aquilo que nunca fez, nunca teve. Vinham pessoas de fora, faziam os encontros pra nós. E aí repassar aquilo que a gente nunca pensou em aprender e saber. Aquilo veio despertar muitas idéias, muitos conhecimentos. E eu me sinto feliz assim em ter essas coisas que eu nunca pensei ter, em fazer um dia e agora já tenho feito. Um exemplo, é de que eu nem saia e através desse trabalho eu comecei a me soltar, a sair.” (Maria Izaurita da Silva, Cabeça d’Onça)

“Olha, a principal conquista que eu tive foi esse conhecimento que eu ganhei aqui na associação, participando das reuniões, dos eventos. Fiz muitas amizades com as pessoas também, isso aí foi uma vantagem.” (Avanilda Pereira, Carapanatuba)

“Olha, eu acho que uma das conquistas foi o reconhecimento, porque a gente percebe que as pessoas de fora valorizam mais o nosso trabalho que Santarém, porque se acostumou a comprar aquelas cuias lá do tablado, comprar cuia feita de qualquer jeito. Quando eles deparam com a nossa... é caro, é isso, é aquilo. E daí a gente percebe assim, quando a gente tá em feira, tá no termi-

nal, em Belo Horizonte, São Paulo, Brasília, essas partes, então a gente vê que o pessoal estima muito, valoriza mesmo.” (Lélia Maduro, Carapanatuba)

“Olha, primeira coisa foi esse Ponto de Cultura, que já foi uma conquista pra gente. Ter uma associação, que eu acho uma coisa muito importante, como tem gente que tem me dito. Mas isso daí já é uma conquista pra gente, porque muita gente dizia que isso aqui nunca iria pra frente, mas graças a Deus, ficou pronto. Já foi uma conquista.” (Lenil Maia, Enseada)

Poema escrito pela Dona Lenil*

*“No caminho da vida, viemos nos encontrar
Um trabalho muito bonito, que Deus nos tinha pra dar
De mandar essas pessoas para aqui nos ajudar*

*Os trabalhos foram tantos, preocupação também
Mas quem trabalha unida, mostra a força que tem
Que tem para conhecer, sempre mais o valor que a gente tem*

*Conhecemos a Dona Lélia, mulher forte e de coragem
Enfrentou todas as queixas com amor e sinceridade
Levou o projeto em frente com a sua habilidade*

*As amigas que também aqui estão, juntas também tem o seu valor
Deram muita força e coragem para não desanimar
Porque a inveja se alastra, deixando o irmão na mão*

*Aqui queremos agradecer a todas as pessoas que conhecemos
A Luciana e o Júlio, que formaram esse invento
Para ver essa casa tão bonita, que enche o nosso coração de encanto”*

** Proclamado durante a inauguração do Ponto de Cultura da Associação no Aritapera, 2011.*

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

SÉRIE *Cultura e Resistência no Oeste do Pará*

1. Arte na Cuia : experiência tradicional de saber fazer - Santarém (PA)



Realização



Associação das
Artesãs Ribeirinhas de
Santarém - Asarisan
Santarém - PA

Apoio

***Instituto Nova Cartografia Social da
Amazônia/UEA/UFAM - FAPEAM/CNPq***

Programa Patrimônio
Cultural na Amazônia
PROEXT 2010/SESu/MEC

